

ESTE É UM VELHO *DINER* como aqueles onde Cody costumava comer com o pai, há muito tempo, com o teto e as portas deslizantes típicas dos vagões – a tábua onde cortam o pão está muito gasta como que por farelos de pão e uma plaina; a geladeira (“Olha só, eu trouxe umas batatas suíças para a janta, Cody!”) é um negócio de madeira escura com puxadores antigos, janelas, paredes ladrilhadas, cheia de frigideiras, manteigueiras, pilhas de bacon – as lanchonetes antigas sempre têm um prato de cebolas cruas cortadas prontas para os hambúrgueres. A chapa é muito antiga e escura e solta um cheiro muito apetitoso, como o cheiro da pele escura de um presunto ou de um pastrami envelhecido – A lanchonete tem bancos com assentos de madeira lisa – tem umas gavetas de madeira onde os pães compridos de sanduíche ficam – os balconistas: ou gregos ou com narizes avermelhados pela bebida. O café é servido em canecas de porcelana – às vezes escurecidas e lascadas. Uma velha panela com um centímetro e meio de gordura preta está na chapa, com um tacho de fritar (também todo engordurado) dentro, à espera das fritas – A gordura derretida é mantida quente dentro de um pequeno bule branco. O revestimento de zinco atrás da chapa brilha com o lustre de trapos passados em cima das manchas de gordura – O caixa tem uma gaveta de madeira tão velha quanto a madeira daquelas escrivatinhas com tampo retrátil. As coisas mais novas são o caldeirão a vapor, as cafeteiras de alumínio, os ventiladores de piso – Mas o balcão de mármore é antigo, está rachado, marcado, entalhado, e embaixo dele está o velho balcão de madeira do fim dos anos vinte, início dos trinta, que acabou parecido com o assento dos velhos bancos dos tribunais, só que com inscrições à faca e cicatrizes e algo que sugeria décadas de comida gorda deliciosa. Ah!

Sempre o cheiro de água fervendo misturado com o de carne, de carne cozida, como o cheiro das enormes cozinhas dos internatos de paróquia ou dos

hospitais antigos, o cheiro da cozinha do porão marrom – esse cheiro é o cheiro mais faminto da América – um cheiro COMIDOSO, não só picante – é como se o detergente tivesse lavado uma panela de hambúrguer – sem nome – lembrado – sincero – faz nossas tripas contorcerem-se em outubro.

O CINEMA B CAPRICIO: o revestimento de vidro na marquise, onde por cima dele as letras móveis deslizam, está quebrado em alguns lugares e dá para ver as luzes lá dentro e algumas delas quebradas; logo adiante as letras sempre erram a ortografia – *Curtas-Mertagens* etc. – *Sempr edois ótimos filmes* (as letras assim mesmo, mal colocadas) e assim de longe dá para ver a marquise sarapintada (ela fica suspensa da fachada do prédio por barras e ganchos de metal pretos de fuligem – logo atrás do topo da marquise uma janela sem nome com uma tela pesada e cheia de pó, provavelmente a sala de projeção) – de longe não dá para ler e as letras são colocadas por garotos loucos e estúpidos que ganham dezoito dólares por semana e conhecem Cody e aquilo tem a maior cara de cinema B. A calçada em frente é suja, com cascas de banana e manchas de vômito ou garrafas de leite quebradas – o piso na entrada é de ladrilhos – um tapete de borracha rasgado vai até a bilheteria, que tem decoração carnavalesca e arabescos e é pintada num tom espalhafatoso de marrom-alaranjado (só por causa dos bilhetes); o dono judeu de óculos e meia-idade recolhe os bilhetes. Os pôsteres na parede externa são sempre os mesmos, filmes B terríveis – seriados em doze partes, faroeste ou filmes de fantasia e baratos – garotos negros brigando em frente. Do outro lado da rua tem um posto de gasolina – o *diner* fica na outra esquina – logo depois do cinema tem um lugar que vende cachorro-quente e Coca-Cola com uma propaganda enorme da Coca na base do balcão e com um tampo de mármore tão velho que já está cinza e lascado, coberto por garrafas de xarope de refrigerante e baralhos e outras porcarias, e embaixo, uma chapa de madeira muito antiga que usavam para fechar o lugar à noite, agora pregada embaixo da Coca-Cola, está tão maltratada pelo tempo e velha, e antes era pintada de marrom, que agora a cor é indefinida como a cor de merda num fundo cinza, quase a própria calçada cinza-merda tapada de baganas e papéis de chiclete. Este é o fim do mundo, onde Codyzinhos esfarrapados sonham, enquanto os ricos planejam auditórios de plástico e fachadas altíssimas de vidro em frente à Park Avenue e aos distritos ricos de Denver e ao mundo inteiro.

NO OUTONO DE 1951 eu comecei a pensar em Cody Pomeray, pensar em Cody Pomeray. A gente tinha sido grandes parceiros de estrada. Eu estava em Nova York e queria ir para a Califórnia e me encontrar com ele, mas eu não tinha dinheiro. Eu estou numa velha estação elevada de trem na esquina da Third com a 47th Avenue, sentado num daqueles bancos de assento afundado junto às paredes – a placa *Carregador* está quase toda desbotada – Na parede de madeira crua uma estranha janela com franjinhas de vidro azul e vermelho – duas lâmpadas, uma em cada lado – o piso de tábuas desgastadas – tudo treme quando o trem chega.

Um fogão bojudo, a lenha, com o ferro aparecendo pelo cinza (sem polimento há anos) – o cano de fumaça sobe por um metro e depois se estende por outros dois (com uma leve inclinação para cima) e depois sobe por mais sessenta centímetros e desaparece no incrível teto de madeira entalhada, dentro de alguma chaminé com uma cobertura circular e aberturas – o fogão fica sempre ali, e o piso se abaula com o peso. Na parte de cima das paredes ao longo do teto, arcobotantes entalhados em madeira crua como nas varandas vitorianas. O lugar é tão marrom que lá qualquer luz fica marrom – Não é um lugar para as tristezas de uma noite de inverno e me faz lembrar em silêncio das antigas nevascas quando meu pai tinha dez anos, de “88” ou algo assim e de velhos trabalhadores cuspiendo e do pai de Cody. Lá fora – uma casa muito louca estilo “alpino” toda retorcida com franjas, um galo do tempo no telhado, o cata-vento pálido e informe verde-ranho, manchado por anos de chuva e de neve, as franjas *vermelhas* (agora uma tênue sombra de vermelho) da torre elaboradas que só vendo – as tábuas da estradinha estão quebradas e envelhecidas a ponto de ficarem irreconhecíveis.

E NA ESQUINA DA THIRD AVENUE COM A 9th STREET tem uma agência de empregos decrépita, passando uma loja de instrumentos musicais (Western Music Co.) que tem uma calçada cheia de fuligem com poças de mijo e um monte de lixo na frente, e as portas de metal do porão que saem na calçada também imundas e cedem quando a gente pisa. *Western Music Co.* escrito em branco sobre o vidro verde com luzes atrás mas com tanta fuligem na parte branca que o efeito é sujo e triste.

Jornais velhos e tampas de caixinhas de papel empilhadas no vão da porta, talvez por mendigos, crianças ou pelo vento. Na janela, um enorme bumbo, usado, desgastado – saxofones – violinos velhos – Uma tuba em cima duma folha de papel alumínio (tentativa drástica de dar um brilho sensacional à vitrine, como fazem nas lojas modernas). Bongôs – violões – o piso oleado típico, preto e branco (quadrados de trinta centímetros) é o fundo da vitrine. A entrada da W.E.A. fica à esquerda – A placa é uma placa comprida vertical e triangular, preto sobre amarelo, e diz *Central Employment Agency* – Preto com tábuas de compensado o corredor de entrada – A placa diz (o número é 34) – *chefs, cozinheiros, padeiros, garçons, bartenders* etc. – No escritório (luz marrom) o chefe está sentado em mangas de camisa e colete de terno marrom junto à escrivaninha (com gravata-borboleta, cabelo grisalho batido) enquanto dois clientes maltrapilhos aguardam em poltronas de couro azul – um deles é um cara mais velho de cabelos brancos com uma blusa escandinava de esquí. O outro é um grego de pele escura, desarrumado, vestindo um terno escuro que contrasta com a camisa branca e a gravata azul transada – Sobre a escrivaninha vazia em meio aos três um mata-borrão rasgado ao meio, enrolado, com o papelão aparecendo – as paredes de reboco rústico pintadas de marrom e amarelo – jornais dobrados pelo escritório – o terceiro cara sendo entrevistado, sentado no revestimento do aquecedor de costas para a grande janela de vidro que dá para a estação elevada onde os observadores ficam vadiando sem

motivo (ou para o estabelecimento ao lado, um lugar esquisito onde gordos de avental fabricam etiquetas para bonecas). O chefe telefona, o cara sentado (com o colarinho aberto e um uniforme da Army-Navy Store) grande, como um boxeador, espera inclinado para a frente com as mãos espalmadas nos joelhos –

O prédio é de um vermelho muito antigo – tijolo à vista de 1880 – três andares – acima do topo eu vejo o antigo prédio comercial italiano cósmico de dezoito andares com enfeites e uma iluminação azulada dentro que me lembra da eternidade, a enorme casa crepuscular onde todos estão vestindo seus casacos – e descendo os degraus pretos como escadas de incêndio para jantar na masmorra subterrânea do Tempo poucos metros acima da Cobra – e o Doutor Sax sobe desajeitado pelas paredes com suas ventosas enquanto a noite cai – e o superintendente dorme.

Enquanto isso, na porta ao lado da loja de instrumentos fica uma sapataria, agora fechada e escura, e aí o neon rubro *Harmony Bar and Grill* acima da calçada cinzenta.

O BANHEIRO MASCULINO na estação elevada da Third Avenue tem paredes de madeira pintadas de verde (para dar o efeito de um lambril), amarelo até o velho teto de madeira entalhada – o cheiro de mijó é como amônia – o mijó em vagas no mictório como o trem ao chegar sacode tudo – lá em cima da parede, onde a tinta é amarela, um cabide acumulou fuligem (como a neve caída se acumula em um galho) e tem uns bons trinta centímetros, como se fosse uma enorme barata – alto demais para alcançar – o vaso tem uma tábua estilo latrina com um furo para se abaixar – misteriosamente cercado por uma cerca de encanamento, como um parque – o mesmo vitral mas sujo e com uma correntinha para abrir, como a da descarga – O efeito do lambril proporcionado pela cor escura depois amarelo até o teto é o mesmo das salas de leitura tiquetaqueantes em pulgueiros de última categoria como o Skylark em Denver onde Cody ficou com o pai e vagabundos ficam sentados nas cadeiras que rangem com bonés retos na cabeça cheios de manchas de graxa vindas provavelmente de Montana eles lêem os jornais soturnos para mostrar que à noite não ficam de bobeira pelos becos tomando trago e na verdade eles acabam de jantar no restaurante com os preços irrisórios escritos com sabão nas vidraças – *Sopa 5¢, espaguete italiano 20¢, knockwurst e feijão 25¢* (debruçados sobre os pratos comiam às pressas com mãos grandes imundas tristes, fortes, velhas cabeças embonezadas e inclinadas em uma congregação digna de pena, só o necessário e as necessidades, nada de “jantar” aqui) na verdade o mendigo narigudo mais plangente do mundo, um nariz vermelho enorme que na verdade ele se escapuliu assim que deixou o restaurante para tapar aquele horror com o boné – uma grande caricatura paródica da Águia – tinha gasto vinte centavos em comida que eu vi ele largar no balcão e se desfazer com relutância, um prato de espaguete ou de legumes, as porções pareciam ser legais, com três fatias de pão, não duas, eu vi pilhas de batatas cozidas ao lado da carne enquanto aqueles pobres-diabos me partiam o coração com suas roupas inconcebíveis, casacos

da Primeira Guerra, bonés de beisebol pretos pequenos demais como o do pai de Cody com uma copa estúpida, cotovelos inclinados sobre as humildes refeições imundas – vi as bocas deles, como bocas de menestréis, enquanto comiam... o mendigo narigudo se afastou dos vinte centavos muito (essas “saladas” de tomate são dignas de pena) devagar, arrastando os pés a passos lentos, e foi saindo das dependências do restaurante para a calçada, onde no outubro gelado com a chegada do inverno ele saiu arrastando os pés numa linha reta em mangas de camisa e nada mais e calças surradas como as calças dos vagabundos holandeses nos moinhos e no estrume, a cabeça baixa como se sustentasse o peso do imenso nariz melancólico (duas vezes maior que o de W. C. Fields!) – (não resta esperança, pedestres “nada bons” por todo lado). Os lambris dos albergues – fiquei impressionado com aqueles “chapéus desabados aventureiros” – anos de chuva fazem as abas deles se virarem para cima e para baixo à la louca e ainda assim só porque são esses velhos caubóis que estão usando eles os chapéus não perdem o enorme charme indefinível da América vasta e livre que se espraia com estradas de ferro e mesas distantes – aquele *australiano*, aquele pioneiro, aquela elegância da fronteira que se adquire com a chuva – nas cabeças distantes e oblíquas deles. E eles são aventurecos, um cara recostado na parede tem o mesmo olhar dum garoto de onze anos que fuma o primeiro palheiro encostado na parede da garagem depois do jantar na escuridão interessante de Eau Claire, Winsconsin – o mesmo jeito maroto como se a mãe estivesse dando um sermão nele – o mesmo olhar aventureco dos caminhoneiros quando param sozinhos numa barraquinha da Coca-Cola em um cruzamento à noite no Texas e a enorme caçamba fica esperando por eles enorme do outro lado da estrada, com o estepe espiando por baixo da cabine que nem o emblema de carneiro fica espiando na tampa do radiador dos Dodges – o carneiro voador da estrada – e os dois sujos e soturnos e vindos de longe e quietos estilo Henry Fonda e falando um com o outro dum jeito que não dá para ouvir e quando os dois saem juntos eles se movimentam com a mesma tristeza como se essa aventura a dois estivesse forçando eles a lamentar o mesmo caminho cuidadoso e lá vão eles na noite deles além de qualquer coisa de onde você que está olhando tudo fica, eles foram embora para nunca mais voltar e já foram e vieram como fantasmas atravessando os seus olhos e os mendigos têm a mesma tristeza grave, cuidadosa e aventureca quando ficam empertigados de pé em frente à parede dum beco olhando para a frente com os olhos e as bocas úmidas de bebida brilhando à luz da lua numa Bowery lunar, cuspiendo ou dizendo “Ô amigo, dá um trocado pra mim tomar um café”, e nessa frase tem uma afirmativa “Eu vim de muito, *muito* longe pra ficar escorado nessa parede – forasteiro – e você não precisa ficar me lembrando dos problemas que tive e dos quilômetros que andei – porque afinal eu sou de Houston e você é um maldito nova-iorquino que nunca teve no abençoado *Texas* –”

AH, MASTURBAÇÃO. Não tem sentido algum arriar as calças como se fosse cagar e depois, porque você tá com preguiça demais para se levantar, ou até de se mexer, simplesmente tocar uma punheta (pensando nas coisas adequadas) e

no delicioso auge deixar a porra jorrar para baixo, no meio das pernas, enquanto a necessidade do momento é a de ir para cima, para a frente, para fora, de se exaurir, de botar tudo para fora como se a gente raspasse o quanto tem nas bolas e espremesse tudo para fora do pau – Não, mas com o troço se agitando e mandando ver lá embaixo, não só que o assento restringe os sobressaltos naturais em arco do caralho – no grande momento dá uma tristeza repentina porque você não consegue botar pra dentro, para fora, para cima, para a frente – fica lá sentado como um idiota (como um homem senta para mijar) se escorrendo todo por baixo em nome da maldita higiene e da conveniência numa posição esquisita e lamentável, na verdade castrado na posição “pernas enroladas nas calças e barra da camisa solta à la cagada” – e por pouco você não se satisfaz de verdade mas acaba não tendo feito nada além de esvaziar as bolas como se você tivesse enfiado um trapo lá dentro e secado o desejo da sua vida com um esfregão. Bom, Cody aprendeu ligeiro.

PERAMBULEI PELAS RUAS DE NOVA YORK e sonhei em atravessar o país outra vez. Saí atrás de Victor, que estava usando um casaco caro muito esquisito como pêlo de camelo, que dava pelos joelhos, com uns desenhos muito bonitos e escuros mas ainda assim um tanto Cristo demais para um casaco – caminhando com passos muito largos pela Second Avenue – deve mesmo ser Victor mesmo que eu nunca tivesse notado como ele é alto a não ser que sejam aquelas mães italianas nanicas que ele estava passando no outro lado da calçada enquanto eu seguia ele que faziam ele parecer tão *grandioso* – passos largos de profeta – levando um pacote enrolado em papel marrom – rumo Leste em direção à First Avenue – parecia estar andando devagar mas para mim era difícil acompanhar o ritmo – e eu pensando “É bom eu estar com o meu Proust – caso eu acabe seguindo ele até o fim que tudo indica é a Paradise Alley lá no rio eles vão ver não só que o meu exemplar está em frangalhos mas também que eu levo ele pra cima e pra baixo a sério porque estou lendo mesmo, muito entretido na rua como eles ficariam” – um erudito mesmo, um místico hip – mesmo que fossem questionar minha camisa vermelha de outubro mas eles não fariam isso – eu ia perguntar “Onde tá a Nory?” e ele ia responder “Ela é minha irmã” e depois eu ia encontrar eles e a gente ia ficar em silêncio e eu acho que eles iam ficar pensando por que eu vim, a não ser que ficar espiando os subterrâneos não seja razão suficiente para eles porque eu estou – Teria que ser me juntando a eles naquela calma sombria, se não sombria então martirizada no silêncio quase insensível, calma, ou reticência, ou estupidez burguesa, ou provavelmente uma grande paz séria e santa como durante a passagem diáfana de Victor pela rua enquanto caminha sem nem olhar para a esquerda nem para a direita e lá vai um garotinho atrás dele seguindo meio que de brincadeira ou por acidente, mas acima de tudo eu penso com espanto e até quem sabe com amor como se Victor parecesse Jesus para ele também e sendo um garoto ele deixa bem claro que quer estar perto da fonte de calor e de luz – Uma coisa esquisita para um americano fazer em suas peripécias ao longo

desses anos todos e especialmente agora em 1951 – O que vão dizer da “carreira” dele – o que ele está fazendo nesse instante – daqui a cinqüenta anos quando ele estiver velho e moribundo num asilo recém-construído onde os interesses vão estar tão afastados das loucuras à la Cristo subterrâneas rimbaudianas motociclísticas em Provincetown que não consigo nem imaginar – e o corredor de entrada dele tem o pior cheiro martirizante: o cheiro de sidra – ele subiu as escadas, eu ouvi as portas se fecharem, pensei que talvez o próprio JC pudesse estar cagando, mijando (e é claro) mas principalmente se será que Victor dá uma cagada solitária no banheiro sem nada do prédio caindo aos pedaços e tem a mesma sensação que eu enquanto fica lá sentado olhando as paredes estragadas, sentindo o mesmo fedor, escutando os mesmos barulhos, com as mesmas sensações nos pés e talvez o mesmo *engourdissement* quando fica sentado por muito tempo, e volta para o quarto (como eu faço) pensando nos bagulhos que trouxe para casa num pacote e nas coisas em cima da mesa e nas pobres oscilações solitárias do tempo e da consciência como todo mundo?

ENTÃO EU FICO SENTADO EM JAMAICA, LONG ISLAND à noite, pensando em Cody e na estrada – veio uma neblina – o gemido grave e distante de uma buzina – uma golfada de vapor da locomotiva, ou ainda as batidas metálicas – um carro passa com o som que nós todos conhecemos do amanhecer na cidade – me lembra de Cambridge, Massachusetts, pela manhã e eu não fui para Harvard – Longe bem longe o murmúrio ou um grito dado por (alto, vibronado) um trem numa curva de aço ou um carro derrapando – o ronco de um caminhão que se aproxima – um caminhão pequeno, mas canta os pneus na neblina – um “bop-bop” ou “bip-bip” repetido vem do pátio ferroviário, talvez o maquinista acione delicadamente o apito a diesel para avisar que percebeu a bola no ar do guarda-freios ou do inspetor ferroviário – o som daquilo tudo em geral quando não tem mais nenhum barulho ao redor parece é claro alguma coisa marinha mas é também quase como o som de uma estrutura viva, assim como quando você olha uma casa você imagina que ela esteja contribuindo com mais uma respiração ao silêncio ensurdecedor – (chega até o ponto em que, em meio ao silêncio, dá para ouvir o leve SQUIII de alguma coisa, as asma inomináveis da garganta do Tempo) – e agora um homem, provavelmente um caminhoneiro, está berrando ao longe e soa como um jovem aventureiro brincando no escuro – a harmonia dos freios a ar parando em dois intervalos, primeiro momento, o som de alguma coisa derretendo e ecoando o segundo momento e harmonizando – um amontoado de folhas amarelas de novembro numa árvore desfolhada indefesa e castreada fazem um PLIC bem baixo e bem fraquinho enquanto farfalham esperando a morte. Quando vejo uma folha cair, sempre digo adeus – E o som disso é um som perdido a não ser que tudo esteja quieto como no campo e se estiver eu percebo que faz a terra tremer, como as formigas nas orquestras – Murmúrio, agora o som terrível dos alto-falantes na Fábrica de Leite, a voz como se saísse de um cano de fumaça abafado e amplificado – uma voz como a noite – um grande grilo com